

UM ESTUDO SOBRE DIDÁTICAS E AÇÕES DE ORIENTAÇÃO INCLUSIVA (2006-2007)

Ana Valéria de Figueiredo da Costa

Colaboradores:

Edwilson Andrade da Silva
Kênia Mara Carneiro
Paula Cristine Erbe Pimentel¹

RESUMO: A Educação ocupa lugar de destaque no debate sobre a Sociedade Inclusiva, posto que as práticas escolares também conformam e refletem modelos, concepções e parâmetros e modos de grupos sociais nos quais atuamos e dos quais somos parte. O trabalho aqui apresentado é resultado de Projeto de Iniciação Científica desenvolvido com um grupo de alunos do Curso de Pedagogia e tem a intenção de discutir e refletir sobre a Educação Inclusiva nas didáticas de formação de professores no Curso Normal e seus reflexos no Curso de Pedagogia. Os resultados apontam que as didáticas são de extrema importância para a construção de um sistema social inclusivo, à medida que proporcionam o instrumental técnico adequado ao trato e trabalho junto aos alunos com necessidades educacionais especiais.

PALAVRAS-CHAVE: Formação de Professores. Educação Inclusiva. Curso Normal.

Introdução

A Educação ocupa lugar de destaque na discussão sobre a Sociedade Inclusiva, posto que as práticas escolares também conformam e refletem modelos, concepções e parâmetros e modos de grupos sociais nos quais atuamos e dos quais somos parte. Partindo dessa premissa, o tema do presente trabalho, Formação de Professores e Educação Inclusiva, tem a intenção de discutir e refletir sobre a atual formação de professores no Curso Normal e seus reflexos no Curso de Pedagogia, sob da perspectiva da Educação Inclusiva. É também objetivo da pesquisa fomentar a discussão teórica sobre temas ligados à Educação

¹ As bolsistas desligaram-se do Projeto por incompatibilidade de horário. Foram também colaboradores da pesquisa os alunos: Juliana Cristina Martins, Michele Marinho, Cátia Marcolino da Silva, Andréa Cristina Lopes Accarino, Raquel Rangel (aluna da Pós-Graduação em Psicopedagogia UNIG), Ana Paula Lopes Trindade (aluna da Pós-Graduação em Psicopedagogia UNIG), Jaqueline Pimentel (egressa do Curso de Pedagogia UNIG), Wellington Assis (egresso do Curso de Pedagogia UNIG).

Inclusiva, numa proposição de construção de referências que fundamentem e dêem um estatuto teórico às práticas construídas no cotidiano escolar. Dessa forma, o estudo debruça-se sobre o seguinte problema: como as disciplinas, ensinadas e exercitadas nos Cursos de Formação de Professores em nível médio (Curso Normal) podem contribuir para uma prática docente inclusiva e quais os seus reflexos no Curso de Pedagogia? Pelos ideais da Sociedade Inclusiva é esta própria sociedade que tem que se modificar para atender, com respeito e dignidade, as necessidades de todos os seus componentes, sejam estes portadores ou não de necessidade especiais.

Ao olhar da Universidade, o estudo proposto toma corpo uma vez que o Curso de Pedagogia e de Licenciaturas ampliam a formação inicial em nível médio. Assim, a pesquisa também tem importância a partir do momento que possa mapear as possíveis falhas dessa formação inicial, diagnosticando as demandas dos graduandos que ingressam nos referidos cursos e, dentro do possível, suprimindo essas necessidades nos currículos propostos e efetivados na universidade.

De tal sorte, são algumas das questões que nortearam o curso de nossa investigação: quais as disciplinas de orientação inclusiva que os alunos do Curso Normal de escolas estaduais da rede pública do município de Nova Iguaçu têm tido acesso em sua formação inicial? O contato com essas orientações tem visado, quando do exercício profissional do professorando, à inserção do aluno com necessidades especiais nas classes regulares de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental? De que maneira o curso de Pedagogia e as Licenciaturas podem contemplar a Educação Inclusiva em seus currículos propostos e efetivados? Levando-se em conta essas questões norteadoras, o estudo realizado e ora apresentado é de cunho quanti-qualitativo, no qual foi levada em conta a tabulação dos dados de forma a que se tivesse acesso às respostas de uma parte numérica significativa dos formandos e dos ingressantes do 4º ano em nível médio, no Curso Normal das escolas pesquisadas e, sobretudo, à qualidade das respostas dos mesmos.

Em relação aos documentos de aporte, podemos citar, em âmbito internacional, a importância da Declaração Mundial sobre Educação para Todos, proclamada em 1990 e a Declaração de Salamanca, discutida e divulgada em 1994. Ambos os documentos prescrevem ações que têm como substrato a Educação Inclusiva, no sentido de que a

educação escolar abarque as diferenças, sem discriminações de qualquer espécie. Coadunam-se com essas declarações, leis e documentos nacionais, tais como a Constituição Federal (1988), o Estatuto da Criança do Adolescente (1990), a LDB 9394/96, além de resoluções e decretos que têm como matéria a regulamentação e o encaminhamento de ações inclusivas.

Dentre esses, destacamos como fundamental a instituição da portaria n. 1793, de dezembro de 1994 que considera “a necessidade de complementar os currículos de formação de docentes e outros profissionais que interagem com portadores de necessidades especiais”, recomendando em seu artigo 1º que seja incluída a disciplina “Aspectos Ético-político-educacionais da Normalização e Integração da Pessoa Portadora de Necessidades Especiais”, prioritariamente nos cursos de Pedagogia, Psicologia e em todas as Licenciaturas”. Nesse sentido, a inclusão das pessoas com necessidades especiais também passa por medidas efetivas vinculadas à universidade em seus cursos de graduação, posto que a mesma portaria em seu artigo 2º recomenda a extensão dessa disciplina para “os demais cursos superiores, de acordo com as suas especificidades”.

Além da urdidura legal, há autores que têm centralidade nessa discussão. Carvalho (2000), parte da premissa de que há de se remover as barreiras do preconceito em relação às pessoas com necessidades especiais, muito mais do que somente os obstáculos arquitetônicos; González (2002) traz a proposição de que uma educação que leve em conta a diversidade, apresenta bases didáticas e organizativas que possam encaminhar o processo de inclusão escolar. Ampliando o conceito de Educação Inclusiva, Mittler (2003) fala da construção de “contextos inclusivos”, pela qual sejam implantadas ações e mecanismos que garantam a efetiva inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais nas escolas. Sem esgotar o referencial bibliográfico sobre o assunto aqui tratado, há ainda de se citar Stainback & Stainback (1999) com sua proposta de uma “guia de Inclusão” para os educadores, com textos reflexivos e relatos de experiências de ambientes escolares inclusivos.

1. Metodologia

A investigação ora concluída foi sugerida como quanti-qualitativa no projeto anteriormente apresentado e aprovado pela PROPE – UNIG, pelos trâmites acadêmicos aos quais foi submetido. Nesse momento, faz-se necessário que se esclareça e se referende esse aspecto metodológico. A pesquisa quanti-qualitativa, também denominada como multimétodo por Campbell e Fiske (1959, citado por JICK, 1979), orienta o pesquisador à utilização cuidadosa dos métodos quantitativos e qualitativos na coleta e construção dos dados. Segundo os autores citados, a combinação de técnicas dessas duas naturezas torna a pesquisa mais densa e reduz os problemas de adoção de um único caminho. Ainda, a utilização de uma abordagem exclusivamente quantitativa pode empobrecer a visão do pesquisador em relação ao contexto onde são coletados os dados, impedindo a análise mais apurada das diversas imbricações do objeto pesquisado.

O estudo estabeleceu-se a partir da pesquisa de campo, e foram aplicados questionários em alunos-respondentes do 4º ano do Curso Normal, de 04 (quatro) escolas públicas estaduais no município de Nova Iguaçu, em turmas concluintes de 2006 e turmas iniciantes de 2007. Foram respondidos 293 questionários aplicados pela equipe de pesquisa. Em relação ao número de alunos distribuídos em 13 turmas (426 alunos nas listagens das escolas), 293 (N da pesquisa) correspondem a 68,77% do universo de alunos de 4º ano do Curso Normal dos colégios pesquisados, o que referenda as considerações que foram inferidas sobre os dados coletados nos questionários.

Em um primeiro momento, os questionários foram tabulados seguindo uma abordagem quantitativa, orientando-se para a construção de gráficos e tabelas que indicavam os percentuais quantitativos das respostas coletadas. Em um segundo momento, os dados e gráficos foram analisados com os referenciais qualitativos, observando-se a qualidade das respostas pela análise de conteúdo conforme sugere Bardin (1970).

3. Apresentação dos resultados

A pesquisa tem como N 293 questionários respondidos por alunos do 4º ano do Curso Normal de 04 (quatro) escolas públicas estaduais de Nova Iguaçu. Dentre esses 293, 88%

estão na faixa de idade de 16 a 20 anos; 5% de 21 a 25 anos; 2% de 31 a 50 anos; 1% de 26 a 30 anos.

Dentre os 293 respondentes da pesquisa, 90,4% (265 respondentes) são do sexo feminino; 4,77% (14), do sexo masculino; e 4,77% (14) não responderam. A distribuição por escolas confirma o resultado total, apontando o que autores tais como Chamon (2005) denominam “trajetória de feminização do magistério”.

Gonçalves, na apresentação do livro de Chamon (idem) observa que desde o século XVIII, com o início do capitalismo industrial, o perfil das famílias altera-se radicalmente, aumentando cada vez mais a necessidade de mão-de-obra para o mercado de trabalho em franca expansão. As profissões sofrem, de maneira geral, uma reestruturação, com a agregação de valor àquelas mais solicitadas pelo mercado da época. Nesse contexto, o magistério deixa de ter o prestígio concedido anteriormente e vai mudando de gênero, passando às mulheres a “‘nobre’ missão de educar” (GONÇALVES in CHAMON, 2005, p. 11). O autor ressalta que essa mudança “não é, entretanto, uma mudança puramente biológica. Ela se inscreve no campo do simbólico. Na realidade, o que muda é o gênero do magistério e não o sexo, de uma ação eminentemente masculina para uma atividade feminina” (id., ib.).

Assim, antes de confirmar uma tendência histórica, a pesquisa aponta que a feminização do magistério não é um fenômeno novo, nem tampouco passageiro, o que requer do pesquisador um olhar apurado para o desenrolar da profissão como gênero, tendo sempre o cuidado de não engessar as considerações, mas, ao contrário, contemporizar e buscar vieses de análise que possam entender essa dinâmica.

A questão 01 do questionário – **No Curso Normal, qual a importância que você dá ao estudo das Didáticas** – tinha como objetivo saber se a Didática da Educação Especial tinha o mesmo peso que, aparentemente, era conferido às Didáticas tradicionais. Os respondentes da pesquisa consideram, com 247 registros, a Didática da Educação Especial como muito importante, sendo esta, em relação às outras² a considerada pelo grupo como a mais importante daquelas estudadas no 4º ano do Curso Normal.

² A saber: Didática do Ensino Fundamental, Didática da Educação Infantil e Didática da Educação de Jovens e Adultos.

A questão 02 - **Como essas Didáticas têm lhe ajudado na sua prática de estágio?** almejava ampliar a resposta da questão anterior. Contudo, pela exigüidade do tempo e a necessidade de apresentar os resultados, categorizamos os registros de forma a entender se as didáticas vinham sendo úteis (ou não) na prática de estágio. As categorias e os registros foram assim organizados: sim – 90%; mais ou menos – 5%; não – 2%; não responderam – 3%. Os resultados mostram que, conjugando-se as respostas da pergunta anterior com estas, as Didáticas têm, de fato, um grande peso no Curso Normal, sendo uma disciplina de ordem prático-instrumental fundamental na formação e atuação do professorando.

A questão 03 do questionário – **As Didáticas que você estudou, de maneira abrangente, falavam de Educação Inclusiva?** – tinha como interesse fechar mais o foco da pesquisa. Os resultados apontam que 91,1% (267) dos respondentes disseram que sim; cerca de 2% (06) declararam que não; e 6,8% (20) não responderam a questão. Os resultados permitem-nos afirmar que a Educação Inclusiva tem sido preocupação da Didática de forma ampla, confirmando o cabedal legal e teórico sobre essa questão, anunciado como escopo do estudo.

A questão 04 - **Se falavam, marque os pontos abordados por elas -**, tinha como objetivo saber quais pontos da Educação Inclusiva as Didáticas abordavam. As respostas ficaram assim distribuídas: com 129 registros, a inclusão de pessoas com deficiência; com 90 registros, a evasão escolar; com 88, a diversidade cultural; com 81, a condição socioeconômica; com 53 registros, a inclusão de idosos; com 38 registros, a inclusão de gênero; com 04 e 03 registros respectivamente, outros e não responderam.

A questão 05 - **Especificamente na Didática da Educação Especial, marque os assuntos estudados -**, com 280 registros, os assuntos mais apontados foram deficiência mental e deficiência visual, seguidos de perto pelos de deficiência auditiva, com 279 registros; deficiência física, com 268; inclusão, com 265. Dentre os assuntos menos estudados encontram-se a História da Educação Especial, com 147 registros e Condutas Típicas, com 143.

Em relação à questão 06 - **Sendo professora/ professor, como você se sentiria (pessoal e/ ou profissionalmente) recebendo um aluno com necessidades educacionais especiais em sua classe?** – houve também a necessidade de construir uma categorização

para as respostas que tiveram maior número de registros, respectivamente: mal preparado – 68 registros; empatando com 42 registros a categoria de bem preparado e desafiado.

A questão 7 - **Que medidas didáticas você tomaria em relação a este/ esta aluno/ aluna?** - tomava por objetivo saber se as medidas de cunho didático condiziam com as respostas nas quais os alunos apontavam que tinham conhecimento da didática de lidar com a Educação Inclusiva na sala de aula. Medidas de inclusão, seguida de atenção e métodos adequados mostram que essa resposta se choca com as respostas da pergunta anterior, onde o mesmo respondente diz não se sentir preparado para a inclusão do aluno com necessidades especiais em sala de aula.

Entretanto, levando-se em conta o alto número de registros que apontam “bem preparado” e “desafiado”, supomos que, mesmo sem a segurança do subsídio técnico, o professorando, empiricamente, vai buscar meios e métodos adequados para o atendimento desse aluno especial, quando dele assim for exigido no âmbito profissional e pessoal.

A questão 08 - **O que você tem buscado para complementar sua formação fora do Curso Normal?**³ O objetivo da pergunta era saber que alternativas os alunos de nível médio têm buscado na perspectiva da sua formação continuada. A alternativa de formação continuada mais apontada pelos respondentes foi a leitura de jornais, revistas e livros da área de Educação (alternativa E – 222 registros), seguida de leituras de livros diversos (alternativa A - 216) e visitas a centros culturais e museus (alternativa G – 216 registros). Numa análise aligeirada, pode-se perceber que as respostas dos jovens pesquisados contrariam o senso comum de que o aluno, o jovem, em geral, não lê.

A alternativa (D) - observações cotidianas em relação à prática pedagógica que podem ser esclarecidas pelas teorias estudadas - teve 185 registros, seguida da alternativa (H) - consultas à Internet (textos, músicas etc), com 166 registros. Seminários, congressos, jornadas, palestras sobre educação (alternativa B) teve 158 registros; a alternativa F - vídeos/ DVD's/ documentários - teve 135 registros; a alternativa C – debates, 116 registros.

³ - A questão é composta de 09 (nove) alternativas, a saber: (A) leituras de livros diversos; (B) seminários, congressos, jornadas, palestras sobre educação; (C) debates; (D) observações cotidianas em relação à prática pedagógica que podem ser esclarecidas pelas teorias estudadas; (E) leitura de jornais, revistas e livros da área de Educação; (F) vídeos/ DVD's/ documentários; (G) visitas a centros culturais e museus; (H) consultas à Internet (textos, músicas etc); (I) outros. Quais?

Ainda na alternativa I - outros. Quais? - foram apontadas como estratégias de formação continuada buscada pelos alunos pesquisados: curso de alfabetização e educação infantil (02 registros), cursos de idiomas e informática (02 registros), curso de LIBRAS (01 registro), além de reflexão sobre o assunto, trabalho voluntário e sanar as dúvidas com o professor.

A questão 09 - **Pelo que você estudou na Didática da Educação Especial, quais os pontos/ assuntos que você gostaria que fossem aprofundados? Justifique** - foi agrupada de acordo com a categorização das respostas do domínio Psicomotor – 188 registros; Cognitivo – 81; Afetivo – 76; Receptivo – 37; Indiferente – 32. As respostas apontam que 46% dos respondentes gostariam que a Didática da Educação Especial se aprofundasse nas questões psicomotoras, quais sejam aquelas relacionadas com o corpo e seu movimento e desenvolvimento específico nos quadros das necessidades especiais.

Considerações finais

As Didáticas são de extrema importância para a construção de um sistema social inclusivo, à medida que proporcionam o instrumental técnico adequado ao trato e ao trabalho junto aos alunos com necessidades educacionais especiais. Isto referenda e aponta que, também no curso de nível superior, a preocupação deve ser com a construção de referenciais práticos, além dos acadêmicos, na formação dos licenciandos. A formação continuada também tem lugar no curso de nível médio, podendo a universidade ampliar essa formação, oferecendo-se como um *locus* de formação permanente e agente consolidador dos conhecimentos práticos, através de uma reflexão-sobre-a-ação, ou seja, na construção de um estatuto teórico da empiria.

Chamou-nos também bastante a atenção a fala de alguns professorandos que diziam ser “uma honra” receber um aluno com necessidades especiais na sua classe. O que pode levar um futuro professor a considerar dessa forma a recepção de um aluno especial? Aliados às considerações anteriores, arriscamo-nos a dizer que essa honra pode estar ligada ao fato de que esse aluno vai trazer uma perspectiva da procura, da busca que de fato é necessária a todo professor que tem como compromisso a aprendizagem para todos, independentemente de seus limites. Essa “honra” talvez se refira à oportunidade que esse aluno traz para a formação mais ampla do professor.

Em relação ao Ensino Superior como uma prerrogativa da formação continuada do aluno do Curso Normal, a pesquisa aponta que as propostas de ementas das Licenciaturas procuram ampliar a formação inicial em relação à Educação Inclusiva. Assim, além da Universidade estar cumprindo o que determina a lei, o compromisso com a construção acadêmica do conhecimento vem sendo mantido e referendado com o desenvolvimento de um curso fundamentado e socialmente responsável, propondo uma continuidade na formação do professor, em nível superior. A pesquisa aponta que a ementa proposta e efetivada pelo Curso de Pedagogia na referida disciplina vem atendendo satisfatoriamente às demandas, visto que o curso complementa e amplia os conhecimentos da área, com uma ementa atualizada e abrangente, o que é referendado com o desenvolvimento de um curso fundamentado e socialmente responsável.

Com a pesquisa aqui apresentada, no que tange à formação de professores no Curso Normal, pode-se perceber que, mesmo com várias disciplinas enfocando aspectos da Educação Inclusiva, o aluno ainda solicita uma formação mais ampla e consolidada, na qual coloca a sugestão de que esta formação vai dar conta da diversidade com a qual temos nos deparado cotidianamente. A participação dos alunos da graduação, pós-graduação e egressos da Universidade na pesquisa é muito importante para a criação de uma cultura de pesquisa e, particularmente o foi para este trabalho, posto que sem esses alunos teria sido bastante penoso chegar aos resultados aqui apresentados. A prática de pesquisa é uma das atribuições da universidade e faz parte das responsabilidades sociais na extensão e divulgação dos conhecimentos.

Referências bibliográficas

BARDIN, Lawrence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1970.

BRASIL. *Constituição Federal*. Brasília, 1988.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília, 1990.

BRASIL. (114). *Portaria nº 1793, de dezembro de 1994*. Brasília.

BUENO, Belmira; CATANI, Denice B.; SOUSA, Cynthia P. (orgs),. *A vida e o ofício dos Professores*. São Paulo: Escrituras, 1998.

CARVALHO, R. E. *Removendo barreiras para a aprendizagem*. Porto Alegre: mediação, 2000.

CHAMON, Magda. *Trajetória de Feminização do Magistério*. Ambigüidades e conflitos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CATANI, Denice. Estudos de História da Profissão Docente. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G.(orgs). *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Apresentação. In: CHAMON, Magda. *Trajetória de Feminização do Magistério*. Ambigüidades e conflitos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 11-12

GONZÁLEZ, J. A. *Educação e Diversidade*. Bases didáticas e organizativas. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JICK, Todd. Mixing qualitative and quantitative methods: triangulation in action. In: *Administrative Science Quarterly*, vol 24, n. 4, december 1979, p. 602-611.

MAZZOTTA, Marcos J.S. *Educação especial no Brasil: história e políticas*. São Paulo: Cortez, 1996.

MENDES, E.G. *Raízes Históricas da Educação Inclusiva*. Texto digitado, apresentado em Seminário Integrado de Grupos de Pesquisa. Marília: UNESP, Marília., 2001.

MITTLER, P. *Educação Inclusiva*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

OLIVEIRA, Romualdo P. e CATANI, Afrânio A. M. *Constituições estaduais brasileiras e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.

RIBEIRO, M. L. S. ; BAUMEL, R. C. R. de C. (orgs). *Educação Especial*. Do querer ao fazer. São Paulo: Avercamp, 2003.

SASSAKI, R. K. *Inclusão*. Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2002.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Secretaria de Estado de Educação. Subsecretaria Adjunta de Planejamento Pedagógico. *Reorientação Curricular*. Curso Normal. Rio de Janeiro, 2006.

STAINBACK, S. e STAINBACK, W. *Inclusão*. Um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

DECLARAÇÃO de Salamanca. Brasília: UNESCO, 1994.

DECLARAÇÃO Mundial sobre Educação para Todos. Brasília: UNESCO, 1994.

**A STUDY ON DIDACTICS AND ACTIONS ON INCLUSIVE GUIDANCES
INCLUSIVA
(2006-2007)**

Ana Valéria de Figueiredo da Costa

Researchers:

Edwilson Andrade da Silva
Kênia Mara Carneiro
Paula Cristine Erbe Pimentel

ABSTRACT: Many things have been said about Inclusive Society. In this argumentation, Education occupies a highlighted position, seeing that the scholar's practices also build and reflect models, conceptions and parameters as well as the characteristics of the social groups with which we interact. This article presents results from a Scientific Project developed with a group of students from the Education Course and aims to discuss and reflect about Inclusive Education, mainly at Didactics in the Normal's Course. The investigation took place in four public schools which offer the Normal Course, with questions answered by students of the fourth level. The data's treatment were based in Bardin's analysis (1970), completed by graphics and percentages derived from the closed questions. The referential for the analyses was based on international and national documents about Inclusive Education. Besides, authors like Mazzotta (1996), Carvalho (2000), Mantoan (2000), among others were also of great help. The results point out that Didactics are extremely important to build up a system of social inclusion by providing technical instrumentation concerning the activities backed to the demands of students with special necessities.

KEY WORDS: Teachers. Inclusive education. Normal Course.